

Funk e cultura popular em foco no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)

Comunicação

*Marcos Santana Sales
Universidade Estadual de Montes Claros
marcos_santana_sales@hotmail.com*

Resumo: Esta comunicação relata uma experiência acerca do planejamento e execução de atividades de musicalização coletiva no Subprojeto de Artes Multidisciplinar do PIBID da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). O objetivo é apresentar um estudo que contribua para a pesquisa e para as práticas docentes relacionadas ao ensino de música na escola regular, voltado para musicalização de jovens e adolescentes. Durante a participação no projeto, problematizei a melhor forma de acessar as experiências musicais dos alunos, a fim de proporcionar a percepção de parâmetros estéticos da cultura que consomem, além da ampliação do repertório musical do grupo, experimentando uma vivência na música popular brasileira. Em minhas observações constatei que o Funk, seria uma importante ferramenta para a elaboração e execução de nossas atividades educativas. A partir dessa constatação problematizei junto a outros bolsistas, qual seria a melhor forma de inserir este gênero como base de nossas atividades, onde então ressaltai a necessidade de conhecer melhor essa cultura musical, a partir de um levantamento bibliográfico, a fim de introduzi-lo no programa. O método usado, é o do relato resumido dos oito meses de trabalho com duas turmas do ensino médio no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Estadual Cristina Guimarães localizada em Montes Claros, bem como a pesquisa bibliográfica para o embasamento teórico que desse orientação às aulas, e ao planejamento das atividades desenvolvidas. Durante o período de trabalho foi possível notar um desenvolvimento rápido na percepção musical, e nas habilidades musicais referentes a execução das canções propostas nas aulas.

Palavras-chave: PIBID , educação musical, funk.

Introdução

Esta comunicação se trata do relato de experiência sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Artes Multidisciplinar da Universidade X no qual estive inserido desde setembro de 2018 até abril de 2019. Desde então atuei como bolsista de iniciação à docência na rede pública de ensino. A escola se localiza no bairro Major Prates localizado na periferia de Montes Claros, e conta com cerca de 500 alunos que vão dos anos

iniciais ao ensino médio, nos turnos matutino, vespertino e noturno.

A proposta inicial do subprojeto PIBID-Artes Multidisciplinar previa um trabalho de integração de três campos das artes: música, teatro e artes visuais. Nos oito meses em que estive integrando o projeto, recebi em conjunto com outros bolsistas, a ideia de proporcionar aos alunos uma vivência na cultura popular brasileira, onde fosse possível experienciar os diversos contextos de produção cultural, existentes dentro da pluralidade de expressões artísticas nacionais. No decorrer do projeto surgiram algumas problemáticas entre elas, a de identificar a melhor forma de introduzir os alunos nestas expressões, sem negligenciar o conhecimento musical que já possuíam, aproveitando este no desenvolvimento das atividades. Para isso foi necessário identificar o tipo de música que consumiam e encontrar a melhor forma de trabalhá-la dentro do ambiente escolar.

O Funk foi identificado como o gênero predominante no gosto musical dos estudantes a que atendemos, sendo selecionado como base para desenvolver este processo de educação musical.

É sabido que no debate acerca do reconhecimento do Funk enquanto cultura, ou mesmo gênero musical “respeitável” existem muitas opiniões divergentes, dentro dos mais variados grupos sociais, partindo deste problema, surgiu também a necessidade de recorrer a fontes que debatem aspectos sobre a história desse gênero musical, que já tem 40 anos de existência. Tempo suficiente para entrar nas casas da maioria dos brasileiros e brasileiras.

Funk é cultura?

O Funk surge nos bailes da pesada (bailes black), organizados por equipes de som para que animavam eventos, e que entre o ecletismo das músicas se ouvia como preferência o soul e outros gêneros da *black-music* norte americana dos anos 70. No Rio de Janeiro dos anos 90 a movimentação já contava com aproximadamente 600 bailes, com trânsito médio de um milhão de jovens periféricos por fim de semana (VIANNA 1987 p24-54; 1990 p. 244) e no decorrer das décadas, o gênero se modificou estruturalmente, em suas composições, no seu público consumidor, e modos de organização das equipes, Mc’s e Djs etc.

Janaína Medeiros evidencia em seu livro *Funk Carioca: Crime ou Cultura?*, o debate sobre marginalidade do gênero musical, de seus consumidores e produtores. Apontando

dados estatísticos, notícias, depoimentos de intelectuais e funkeiros, faz um mapeamento do preconceito que esta cultura sofre, a ponto de ser criminalizada pelo estado, mídia e outros setores da sociedade brasileira. (MEDEIROS 2006, p 9-12).

Pesquisando publicações nos anais da ABEM, que relatassem observação dos hábitos musicais de estudantes da educação básica, o funk aparece em 6 comunicações: Abreu (2013), Bozeto, (2013), Santos (2013), Oliveira (2013), Barros (2013), Bernal (2013) Castro (2013). Feitas as leituras constatei que apenas na apresentação de Wanessa Weber de Castro, o funk aparece enquanto conteúdo do currículo mínimo da rede estadual, incluso em algumas das aulas do 9º ano do ensino fundamental por sua importância na música urbana contemporânea.

A procura de trabalhos científicos onde o funk fosse usado como conteúdo na educação musical, encontrei um artigo de Pedro Mendonça, que intersecciona estudos em etnomusicologia e educação, relatando as experiências do MC Mano Teko ao aplicar uma série de atividades em instituições de ensino no Rio de Janeiro, mostrando a importância da junção dos saberes da cultura oral no contexto da educação básica e superior (MENDONÇA *et all*, 2017)

Em 40 anos de história o funk se consolidou enquanto gênero musical, sendo também suficiente, para se estabelecer enquanto bem cultural, e podemos aqui fazer um paralelo com o samba que também já foi alvo de criminalização. Sobre o caso da legitimação do Samba:

[..] a transformação do samba em música nacional não foi um acontecimento repentino, indo da repressão à louvação em menos de uma década, mas o coroamento de uma tradição secular de contatos entre vários grupos sociais na tentativa de inventar a identidade e a cultura popular brasileiras. (VIANNA apud DUNN, 1995, p. 208-209)

Sensibilização no processo de compreensão das diferentes realidades culturais

As primeiras reuniões pedagógicas com a coordenadora tiveram foco na apresentação do projeto e também a sensibilização através da contação de histórias, exibição de filmes curtas-metragens e obras literárias.

Dentre estas nos foi mostrada a crônica de Eduardo Galeano intitulada *A função da*

arte 1, que conta a história de Diego ao ser levado pelo pai para conhecer o mar. A interpretação do texto apresentada, mostra a perplexidade da criança diante do desconhecido, da grandeza e beleza natural, beleza esta impossível de se enxergar sozinho, necessitando da ajuda de uma lente. Para Julião (2013) esta lente é o educador, assim:

A lente é, portanto, aquele que tem a função fundamental de ajudar na difícil e mágica tarefa de olhar. É ele que deve despertar nos alunos a percepção de que o mar é um signo múltiplo – é o interesse pelo desconhecido, é a fúria da natureza, é o cotidiano do pescador, é o cenário das aventuras [...] o mar se revela como um mar de possibilidades de leitura e de percepções do mundo (JULIÃO, 2013, p.2).

Após esses primeiros encontros, se seguiu a apresentação das escolas pelos supervisores a fim elaborarmos um projeto que abarcasse as diferentes realidades das escolas a serem atendidas, além contemplar as expectativas dos bolsistas em trabalhar com suas aptidões. Assim percebermos através da diversidade do nosso grupo as possíveis realidades culturais que poderíamos encontrar na escola.

Considero este um passo muito importante, já que cada um dos 24 bolsistas são provenientes de diversas realidades culturais e econômicas: evangélicos, umbandistas, suburbanos, campesinos, etc.

Em quatro reuniões elaboramos nossas propostas, onde surgiram conflitos, que foram mediados pela coordenadora, encontrando na heterogeneidade das ideias um fio condutor comum, que é “a cultura popular brasileira”, e que se amplia numa gama de expressões artísticas .

Em seguida houve a indicação de literatura para orientar nossa atuação.

O artigo que foi-nos proposta a leitura: *Diversidade Cultural e Ensino de Música na Educação Básica*, gerou uma rica discussão onde foram evidenciados alguns pontos debatidos pelo autor como: 1- a necessidade da diversificação do ensino de música nas escolas do Sesc, a fim de contemplar contextos sociais variados; 2- a diversidade cultural enquanto patrimônio comum da humanidade .

Cito aqui:“... diante dessa diversidade, o que escolher e como desenvolver essas músicas no cotidiano escolar?” (BATISTA, 2015, p.7). Questão esta que desencadeou outra: qual o melhor modo de acessar a musicalidade dos alunos?

Na primeira visita a escola, os bolsistas elaboraram em conjunto um pequeno

relatório com as características estruturais, e socioculturais da escola a fim de desenvolver em grupo, uma apresentação do projeto, onde a intenção era despertar o interesse dos estudantes em frequentar as atividades do PIBID, que no caso da escola referida, entre outras características como, por exemplo, a realidade periférica dos alunos e da instituição, percebi uma grande afinidade pelo Funk por parte dos estudantes, pois estes no horário de intervalo entre as aulas, se reuniam em volta de uma caixa de som, para ouvir Funk cantar, dançar e conversar.

A apresentação do PIBID realizada na última semana de aula foi o fechamento das atividades, e segundo o professor supervisor, gerou expectativa nos alunos para o ano letivo seguinte. Numa apresentação com as três expressões artísticas inseridas no projeto, foi organizado um cortejo no interior da escola onde foram entoados cantos de Folia de Reis, Baião, e Funk e num jogral explicando a intenção do projeto.

Experimentação das propostas

No início do ano, voltei às atividades, elaborando e experimentando em conjunto com outros bolsistas, as atividades do PIBID Artes/Multidisciplinar, onde todas equipes apresentaram atividades a serem trabalhadas, e se preciso, transformadas para adequação ao contexto cultural das turmas a que tivessem acesso. A equipe que integrei, apresentou atividades de canto coletivo e percussão corporal, com Funk, Xote e Baião, onde dividimos grupos de 5 pessoas, separando os timbres necessários a execução dos ritmos, onde os sons graves, médios e agudos ficaram com cada um destes grupos.

Segundo o nosso supervisor, se nossas atividades seguissem essa orientação seríamos bem sucedidos, pois os alunos gostavam muito de Funk.

Desde então os planos de aula foram feitos buscando contemplar sempre, algo que fosse mais familiar para os estudantes. Neste sentido Galizia afirma que:

Axé, techno brega, funk, rap, enfim, todos os estilos que nossos alunos vivenciam em seu dia-a-dia poderiam estar em sala de aula para se trabalharem conteúdos técnico-musicais, ou senso crítico, ou ainda como elemento motivador (GALIZIA, 2009, p. 78).

Assim no planejamento das atividades foi feita uma seleção de músicas, e pela audição e execução dentro do nosso grupo de três bolsistas, elaborei os arranjos para as aulas, a fim de ajudar no processo de entendimento da diversidade de expressões populares, onde fosse possível abordar além de alguns aspectos extramusicais - socialização, compreensão de períodos históricos da música brasileira, transformações estéticas dentro dos gêneros musicais, e poética - conteúdos específicos de música: como ritmo, timbre, intensidade, duração andamento, melodia, harmonia e canto coral evidenciando seus conteúdos próprios.

O Funk como ferramenta

Na primeira aula foram levantados questionamentos a cerca do gosto musical dos estudantes, onde a grande maioria afirmou gostar de funk – o que confirmou a intuição.

Após a experimentação dos planos de aula, selecionei junto ao grupo composições que marcaram as épocas em que surgiram no cenário musical, construindo uma “regressão histórica”, numa linha do tempo resumida do Funk.

Num segundo momento houve a apreciação musical de : Bum Bum TanTan, lançada em 2017, pelo Mc Fioti -Funk Ostentação - executada por mim na flauta transversal e que imediatamente vários deles reconheceram. Nessa atividade a intenção principal, era fazer com que os alunos compreendessem as diferenças de timbres e ritmos usados nos sons eletrônicos dos instrumentos de percussão sampleados.

Na sequência a turma a executou os ritmos com percussão corporal, dividindo a classe em alguns grupos, onde cada bolsista do PIBID ficou com um grupo , e cada grupo com uma célula rítmica, já identificada anteriormente dentro da polirritmia das batidas de Funk. E este modo de condução da aula, se seguiu com as outras duas músicas propostas: Glamurosa de Mc Marcinho lançado em 1998 - Funk Melody, e Só Love composição também de 1998 – Funk Melody dos Mcs’ Claudinho e Buchecha.

Questionados sobre quais músicas seriam as mais recentes e mais antigas, a sequencia que eles fizeram foi: 1 - Bum Bum Tantan, 2 – Glamurosa e 3 - Só love.

Após essa fase, analisamos as formas das duas últimas composições, onde a música da dupla utiliza uma batida diferente de Glamurosa que já se utiliza do *Tamborzão*.

Ressaltamos a importância do Dj Marlboro, que teve um dos primeiros programas de rádio do Rio de Janeiro onde só se ouvia Funk durante a programação, sendo este um grande ícone, que compôs também boa parte das bases e letras das primeiras músicas de Funk além das duas músicas anteriormente citadas.

Nas reuniões o corpo de bolsistas foi muito bem orientado no sentido dos planejamentos, pra que os planos não fossem muito grandes ou muito pequenos, deixando sempre algumas “cartas na manga”, e uma destas foi a de utilizarmos a prática do canto coral em uníssono, com acompanhamento da percussão corporal, onde um grupo entoasse o refrão de cada composição e outro fizesse o acompanhamento.

Somado a isso, foi feita uma reflexão sobre a origem do que hoje eles conhecem como o “toque” do Funk, esclarecendo que esta mesma batida executada em atabaques e agogô, usados no contexto das religiões de matriz africana se chama Congo, e que ela até os dias atuais, anima as festas, e outros rituais religiosos de muitos terreiros de Umbanda e Candomblés pelo Brasil.

Ao final da atividade ainda outras duas músicas foram apresentadas, uma delas é, Movimento da Sanfoninha da Anita que apesar de ser do ano de 2014, demonstra uma nova tendência de Funk, mais acelerado com 150 bpms, que atualmente está bem consolidado ocupando significativo espaço no cenário do funk Carioca. Outra foi a composição Partita em La menor, de Johann Sebastian Bach, da qual Dj Arvin extraiu o *sample* para a base instrumental da música Bum Bum TanTan.

Com esta primeira aula, foi possível consolidar a base que daria a linha de atuação para as aulas posteriores, sendo assim:

- 1 – Apreciação das músicas
- 2 – Execução dos ritmos com percussão corporal, dividindo timbres e trabalhando intensidade.
- 3 – Execução dos refrões acompanhados pelas batidas ensaiadas
- 4 – Debates sobre temas relacionados ao contexto sociocultural de cada canção.

Na segunda aula, foi proposta uma revisão das batidas estudadas anteriormente, e a reexposição da música Movimento da Sanfoninha, colocando em evidencia sua relação direta com o forró, onde foi inserido um novo gênero musical a ser trabalhado, que seria o Forró em três de suas variantes: Xote, Baião, e Samba de Coco, na mesma perspectiva de linha do tempo histórica das transformações do gênero.

Ao apresentar cada variação de Forró, os alunos dançaram da forma como sabiam, tentando sentir o pulso da música, o que gerou grande satisfação para eles.

No Xote e Baião danças aos pares, e no Samba de Coco dança em roda.

Após essa experiência sensitiva dos ritmos pela dança, identificaram com auxílio dos bolsistas os timbres junto a percussão corporal e cantaram coletivamente.

As músicas foram: Xote da Alegria do grupo Falamansa de 2001, Anúnciação de Alceu Valença de 1983, e Baião de Luiz Gonzaga de 1949, Seu Maia do grupo Raízes de Arcoverde do ano 2000.

Outro experimento proposto, foi o de trabalhar mais de uma voz no canto coletivo a três vozes cantando o refrão da música Baião de Luiz Gonzaga.

The image shows a handwritten musical score for the song 'Baião' by Luiz Gonzaga. The title 'Baião' is written at the top. The score is written on three staves, each with a treble clef and a key signature of one flat (Bb). The time signature is 2/4. The first staff is labeled 'PRIMEIRA' and contains the lyrics 'EU VOU MOS TRAR PRA VO CES CO MO SE DANÇAO BAIÃO'. The second staff is labeled 'SEGUNDA' and contains the lyrics 'ÃO... BAIÃO... BAI'. The third staff is labeled 'TERCEIRA' and contains the lyrics 'OIS QUE BAIÃO OIS QUE BAIÃO OIS QUE BAIÃO OIS QUE BAIÃO'. The notation includes various rhythmic values, including eighth and sixteenth notes, and rests.

FIGURA 1 – Arranjo para Baião feito com base na gravação original de Luiz Gonzaga

Na terceira aula, trabalhamos com o Jongo, elemento da cultura popular brasileira reconhecido como patrimônio imaterial brasileiro em 2007 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Trabalhamos também o Reggae/Rock/Rap, porém dessa vez, partiu-se da música mais antiga para a mais recente, e com esses três ritmos, evidenciar que a música brasileira também tem influências de diversos lugares do mundo.

Em formato de roda de jongo, com acompanhamento nas palmas das mãos, com as batidas extraídas de uma das células rítmicas usadas em Bum Bum Tantan, foram entoadas cantigas de domínio público, que usam a mesma melodia, evidenciando alguns processos

próprios de composição da música popular, e que pela sua relativa simplicidade melódica, foram rapidamente apreendidas pelos alunos:

A segunda música foi uma mistura de duas composições do grupo O Rappa. Essas composições mesclam vários elementos do Rock do Reggae e Rap.

Após a apreciação, os alunos fizeram a leitura do texto dessas músicas, buscando entender as metáforas presentes nos poemas, experimentando o diálogo com a literatura além disso foram apresentados a conceitos próprios de música – Melodia e Harmonia – onde sua junção com a poesia implica na canção.

Os alunos cantaram o início da música Minha Alma de 1999 em cânone com o refrão da música Me deixa também de 1999.

Com o Rap Ubuntu Fristaili de 2013, composição de Emicida, a apreciação se seguiu, dando foco à batida dos atabaques, que faziam o toque Congo, para a linha de baixos e para a melodia do refrão.

FIGURA 2 – Arranjo duas vozes e extraído por mim da gravação original de Emicida

No arranjo proposto, um grupo fazia a linha de baixos da própria música, que subimos uma oitava para poder ser cantada com mais facilidade. Fizemos a linha de baixo cantando repetitivamente de forma quase percussiva o verso, “É axé pra de axé”, enquanto o resto da turma cantava o refrão e reproduzia a batida dos atabaques com percussão corporal.

Nesse ponto julguei importante, debater o significado da palavra *Ubuntu* - “ Eu sou por que nós somos” - usada no título da composição do Rapper, esta palavra representa uma das formas do pensar filosófico de África, falei também sobre a importância de se pesquisar outras culturas, pois podem nos dar suporte para as mais diversas áreas da vida. Esta filosofia ...“ possui um potencial ético capaz de fortalecer um convívio social, no qual valores como solidariedade, a confiança, o respeito, a generosidade são assumidos como fundamentais...” (VASCONCELOS 2017 p.2)

Esta aula foi programada com a intenção de atender as exigências da lei 10639/03, que ... “estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira”.

Na quarta aula o objeto de estudo foi a composição Desentoado, do Grupo Raízes nativo de Montes Claros.

Após a apreciação, a letra foi escrita no quadro negro como na aula anterior, e a partir do refrão, foi feita a leitura, e a interpretação do texto, refletindo sobre a descendência, dos presentes na sala de aula, pensando na história dos avós, pais e mães dos próprios jovens ali presentes. Cada um relatou brevemente de onde seus parentes mais próximos são nativos, e quais foram seus modos de produzir a existência durante a vida, chegando a conclusão que éramos todos descendentes de trabalhadores rurais das regiões do Nordeste, Centro-oeste, e sertão norte mineiro.



FIGURA 3 – Transcrição da gravação do Grupo Raízes 1974

Em aspectos musicais, teve foco o cânone onde também foi utilizado o refrão da composição.

Na quinta e última aula que pude estar presente enquanto proponente das atividades, foi utilizada a música Rap do Silva, que é um clássico do Funk anos 90, e após a leitura da letra, seguiu-se uma roda de conversa sobre o contexto social dos jovens que frequentam bailes funk, e os riscos a que os jovens estão sujeitos a enfrentar nos bailes espalhados pelas periferias brasileiras. Na execução da música, a sala foi dividida em três grupos, onde um grupo fazia a batida do Funk, um outro grupo fazia o refrão e a primeira parte da música, e um outro grupo fazia um acompanhamento com uma segunda voz.

Como materiais de apoio para as aulas estavam disponíveis, teclado, caixa de som com saída para cabo p2 onde se conectava um aparelho celular para executar as músicas, e lousa onde se escreviam as canções.

Em todas as aulas foram avaliados o desenvolvimento musical das turmas, o empenho coletivo na apreensão dos conteúdos, e as habilidades individuais de cada um, já que nas turmas haviam estudantes mais e menos habituados com execução e apreciação. A maior parte dos alunos e alunas demonstraram grande dedicação, e interesse pelas atividades.

Ao final desse ciclo de atividades, o grupo de bolsistas fez a proposta de uma pesquisa sobre os gêneros musicais trabalhados, dividindo os alunos em grupos responsáveis por um gênero musical anteriormente trabalhado. Nesta atividade, eles próprios apresentaram um novo repertório, onde demonstraram os elementos musicais e extramusicais que conseguiram identificar.

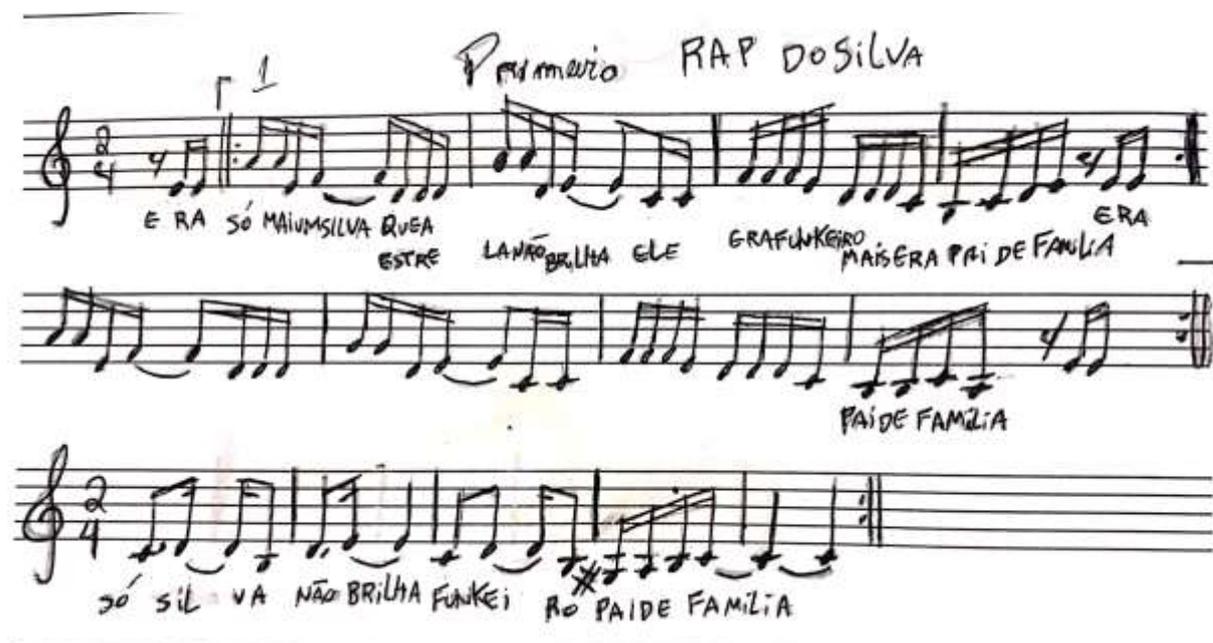


FIGURA 4– Arranjo para Rap do Silva, com base na gravação original

Considerações finais

As atividades do PIBID que foram relatadas motivaram várias reflexões e grande satisfação, pois o desempenho dos alunos mostrou que as atividades tem grande potencial pedagógico, e que se houver a oportunidade de passar um ano letivo inteiro com uma turma, cada um no grupo conseguiria construir um trabalho muito interessante relacionado, a cultura popular brasileira.

A experiência vivida nesse período em conjunto com as disciplinas oferecidas na universidade, aliados as experiências musicais anteriores, proporcionaram um grande aprendizado, na medida em que possibilitaram a construção de planos ideais de atividades, que foram se adequando a realidade ao qual seriam executados, assim, houve a necessidade de preparar arranjos, pensador as atividades a fim de proporcionar além do aprendizado musical, satisfação pessoal aos alunos da escola em que o projeto foi aplicado.

Ressalto também, a importância do trabalho em grupo com meus companheiros e companheiras bolsistas, e a orientação dada pela coordenadora, que gerou muita segurança ao fazer enxergar caminhos possíveis de trilhar para alcançar os objetivos educacionais.

Devido as novas regras de permanência do Programa de iniciação à docência não pude continuar no projeto, pois meu período de bolsa teve fim, porém o acúmulo de

experiências sobre o que é ser docente no ensino básico permaneceu.

Na minha última aula no projeto, em uma conversa entre os bolsistas, julgamos que o arranjo proposto seria de difícil assimilação por parte dos estudantes, porém, fomos surpreendidos ao ver que uma das duas turmas aprendeu o arranjo em aproximadamente 15 minutos. Quando questionados se queriam continuar ensaiando, o “SIM” da turma foi unânime, daí em diante a aula correu muito leve e cheia de experimentos com regência do coro, num processo de recreação do arranjo, onde todos obtivemos grandes aprendizados

Referências

ABREU, Yure P. O Processo de Construção da Formação Musical dos Adolescentes de Fortaleza na Contemporaneidade: uma amostragem a partir de uma escola regular p.1730-1739. In: XXI Congresso da ABEM. 2013 . Goiás. *Anais...* João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. Disponível em:http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/abem_2013_p.pdf p. 1973-1987. Acesso em: 04 de Mar.2019.

ARROYO, Margarete. Políticas Educacionais e música nas escolas públicas de São Paulo (2007- 2013): uma análise com base no “Ciclo de Políticas” de Ball e In: XXI Congresso da ABEM. 2013. Goiás. *Anais...* João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. Disponível em:http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/abem_2013_p.pdf p. 1973-1987. Acesso em: 03 de Mar.2019.

BATISTA, Leonardo M. Diversidade Cultural e Ensino de Música na Educação Básica: Ampliando conhecimento e saberes na formação continuada de professores. In: XXII Congresso Nacional da ABEM. 2015. *Anais...*Rio Grande do Norte. Disponível em:<<http://abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/view/1206/542>> Acesso em: 10 de dez.2018.

BRASIL, Anderson F.A. O projeto social transformando o panorama sócio educacional: um relato de experiência com a Escola de Educação Percussiva Integral de Salvador. In: XXI Congresso da ABEM. 2013. Goiás. *Anais...* João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. Disponível em:<http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/abem_2013_p.pdf> p 1759-1768. Acesso em 01 de Mar. 2019.

BRASIL. Lei N 1639/03, Altera A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos, 9 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> 13 Fev. 2019

CASTRO, Vanessa W. Reflexões sobre o Currículo Mínimo 2013 de Arte da Rede Estadual de Ensino Público do Rio de Janeiro. In: XXI Congresso da ABEM. 2013. Goiás. *Anais...* João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. UFPB. Disponível em:<http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/abem_2013_p.pdf> p 2176-2186. Acesso em 02 de Mar.2019.

DUNN, Christopher. VIANNA, Hermano. 1995. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Ed. UFRJ. 196 pp. Mana vol.2 no.2 Rio de Janeiro Oct. 1996.<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200016> p.208-211. Acesso em: 02 mar 2019.

GALIZIA, Fernando S. Educação musical nas escolas de ensino fundamental e médio: considerando as vivências musicais dos alunos e as tecnologias digitais. *Revista da ABEM*. Disponível em:<<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/238>> p.76-83. Acesso em: 30 Abr. 2019. n.21 2009

JULIÃO, Rafael. ENTRE LENTES – O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. Moinho - Revista de Letras. Mato Grosso.v.2 n.2 Disponível em:<<https://editoramultifoco.com.br/loja/product/ensino-de-literatura-na-educacao-basica-desaprendizagem-humanizacao-e-resistencia/>> p 106-116. Acesso em: 10 maio 2019.

MEDEIROS, Janaína. *Funk carioca: crime ou cultura? O com da medo. E prazer*. 1.ed. São Paulo. Terceiro Nome. 2006.

MENDONÇA, Pedro et all. O funk e a educação: etnomusicologia e pesquisa-ação participativa em contextos diversos. *DEBATES* - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música.n.19. Rio de Janeiro. UNIRIO. 2017. Disponível em:<<http://www.seer.unirio.br/index.php/revistadebates/article/view/7031>> Acesso em: 05 marc. 2019

PENNA, Maura. Práticas Educativas Musicais no Programa Mais Educação: algumas reflexões.In: XXI Congresso da ABEM. 2013. Goiás. *Anais...* João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. UFPB. Disponível em:<http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/abem_2013_p.pdf> Acesso em 02 de Mar.2019. p.2032-2045.

POPOLIN, Állisson. Reflexões para a Educação Musical auditiva. In: XXI Congresso da ABEM. 2013. Goiás. *Anais...* João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. UFPB. Disponível em:<http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/abem_2013_p.pdf> p. 2140-2160. Acesso em 02 de Mar.2019.

VASCONCELOS, Francisco A. *FILOSOFIA UBUNTU*. LOGEION: Filosofia de informação, Rio de Janeiro, v. 3 n. 2, mar./ ago. 2017. Disponível:<<http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/3841>> Acesso em: 11 de Mar.2019. p. 100-112

VIANNA, Hermano. *Funk e cultura Popular Carioca*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. vol. 3, n. 6. 1990, p. 244-253.

_____. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.